

SILVA, F. A. “Semiótica Francesa: Manual de teoria e prática”: uma visão dinâmica da Semiótica Francesa Pós-Estruturalista. *ReVEL*, v. 23, n. 45, 2025. [www.revel.inf.br].

“SEMIÓTICA FRANCESA: MANUAL DE TEORIA E PRÁTICA”: UMA VISÃO DINÂMICA DA SEMIÓTICA FRANCESA PÓS-ESTRUTURALISTA

Flavia Azolin da Silva¹

Em “Semiótica Francesa: Manual de teoria e prática”, Leda Tenório da Motta e Marco Calil organizam uma visão ampla dos trabalhos de três autores importantes para a compreensão do campo da Semiótica Francesa Pós-Estruturalista. Os trabalhos de Julia Kristeva, Roland Barthes e Jacques Derrida possibilitam pensar a semiótica sob o ponto de vista da instabilidade e indeterminação do significado. Superando o olhar positivista por vezes direcionado a esta ciência, olhar este que insiste nas relações inequívocas e previsíveis entre significante e significado, o pensamento Pós-Estruturalista francês contribui para o estudo da semiótica ao pensar o sentido em fenômenos complexos. Kristeva, Barthes e Derrida são selecionados como semioticistas-chave pela profundidade de seus trabalhos, que expandiram o *corpus* e o escopo da semiótica.

É necessário situar a Semiótica Francesa Pós-Estruturalista em relação à Semiótica Estruturalista, que remonta à Semiologia proposta por Ferdinand de Saussure. A primeira refere-se a um conjunto de disposições teóricas nascidas na França de 1950, das quais os autores do manual selecionaram os semioticistas nele trabalhados. Em oposição ao pensamento Estruturalista, que se concentra em aspectos estáveis e positivos da linguagem, na Semiótica Pós-Estruturalista, é a natureza negativa e instável do signo que interessa.

Os autores do manual também possuem fortes laços com as obras nele trabalhadas. Leda Tenório Motta foi orientanda de Kristeva e aluna de Barthes. Ela e seu orientando, Marco Calil, encontram nos três autores intenso arcabouço teórico para pensar rupturas necessárias nos estudos de significação, linguagem e comunicação.

Kristeva, Barthes e Derrida realizaram grandes contribuições para o

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

desenvolvimento da semiologia, e mantiveram uma relação ambígua com o Estruturalismo, voltando sua atenção para a natureza negativa do signo. Os estilos de escrita desses autores, que mesclam filosofia e literatura em sua prosa, também provocam uma ruptura com os conceitos tradicionais da linguagem científica. Assim, tanto em termos de conteúdo quanto de forma, os três semioticistas contribuíram para a linhagem da semiologia através de obras subversivas e instigantes.

A obra de Julia Kristeva se destaca pela sua interdisciplinaridade. Pensando em proporcionar um primeiro contato com a autora, o manual oferece ao leitor seções de biografia, bibliografia e conceitos-chave. Dentre as noções desenvolvidas pela autora, ganham destaque os conceitos de Semanálise e Significância.

A Semanálise revela a preocupação de Kristeva com o exame da noção de signo. Este conceito foi desenvolvido pela autora na intenção de criar uma nova ciência dos signos para além tanto da semiologia quanto da semiótica. Na Semanálise, o que entra em discussão são as próprias leis e fundamentos que regem a semiótica. Para essa empreitada teórica, uma multiplicidade de disciplinas e de sistemas de significação se faz necessária, levando ao conceito de Significância, mobilizado pela autora na intenção de descrever os processos de diferenciação desses sistemas. Uma grande contribuição advinda desses conceitos é a reflexão sobre os sistemas de significação que permeiam o discurso científico. Kristeva evidencia a necessidade de se pensar a semiótica como uma ciência que analisa esses sistemas e que “precisa constantemente voltar a seus próprios fundamentos”.

O legado de Roland Barthes se estende a muitas disciplinas. A influência do autor atingiu campos diversos, como a crítica literária, a semiologia e a comunicação. Em toda a sua obra, Barthes dedicou-se à reflexão e análise de diferentes sistemas de signos, como cinema, fotografia, experiências amorosas, etc. A versatilidade com a qual selecionou seus objetos de análise contribuiu para a originalidade de seu trabalho.

Dois conceitos-chave norteiam o leitor neste contato com o trabalho de Barthes; O Império dos Signos, noção advinda de seu livro homônimo, resulta de uma análise de elementos da cultura japonesa, contraposta aos sistemas de signos do ocidente. Através dos contrastes entre signos ocidentais e orientais, Barthes aponta para uma ruptura do signo, que posteriormente culminaria no segundo conceito-chave selecionado: o Neutro.

O Neutro é um conceito importante para a ruptura com a lógica do binarismo dentro da significação. Conforme Motta e Calil (2025, p. 64), “Barthes explora o

Neutro como uma força que desafia e subverte o paradigma da oposição binária, fundamental para a estruturação do significado como diferença”. Através de análises de diferentes figuras, como o silêncio ou a fadiga, Barthes desafia os limites da significação ao expor a natureza vaga e fragmentada do signo.

O binarismo do sentido também foi questionado por Jacques Derrida. De sua vasta bibliografia, foram selecionados os conceitos-chave Gramatologia e Desconstrução. O primeiro refere-se a um questionamento sobre a valorização da fala em detrimento da escrita, através do qual o autor desafiou, ainda, as hierarquias de sentido.

Já a Desconstrução é um conceito que seria desenvolvido pelo autor posteriormente, e que visa uma análise que questiona os fundamentos que constituem um sistema de signos, visando não destruí-lo, mas abraçar a sua flexibilidade. Trata-se de uma noção teórica que também entende o significado em seu caráter instável e múltiplo.

Além das seções de biografia, bibliografia e conceitos-chave, o manual oferece bases para um primeiro contato com os autores e suas ideias ao articular reflexões também através de exercícios, que ajudam a reforçar os conceitos trabalhados em cada seção. Os exercícios ainda possibilitam que leitores e estudantes levanten debates orientados pelas inquietações provocadas pelas questões, estrutura que facilita leituras coletivas do manual. Ao fim de cada capítulo, o leitor encontra uma lista de referenciais que o permitem aprofundar seu contato com cada autor e organizar seu roteiro de estudos conforme seu interesse.

A estrutura do livro ainda possibilita uma interdisciplinaridade necessária às áreas da comunicação, humanidades e letras e linguística. O impacto dos trabalhos de Kristeva, Barthes e Derrida impulsiona estudantes de diferentes áreas a uma reflexão mais ousada e menos ortodoxa a respeito do estudo da significação – afinal, o que torna o trabalho desses três autores tão visceral é justamente a sua capacidade de subverter a lógica conservadora que permeia, até hoje, a semiótica. “Semiótica Francesa: Manual de teoria e prática” é um livro que apresenta questionamentos inquietantes e complexos em uma estrutura que considera um primeiro contato com essas obras e autores, permitindo que os estudantes encontrem um roteiro de estudos sem coibir essa jornada – e sendo, por fim, metalinguisticamente ousado como os pensadores que apresenta.

Mesmo um breve contato com o repertório destes três autores revela o seu impacto para o estudo da semiótica, através de rupturas que são necessárias para

repensar e subverter não apenas os sistemas de significação que constituem *corpus* científico, mas também a ciência e suas linguagens, tomando-as como objeto de problematização. Kristeva, Barthes e Derrida, com seus estilos únicos e escritas contundentes, reforçam a potência que reside na imprevisibilidade da relação significante-significado. Desafiar-se na leitura desses autores é fundamental para pensar a semiótica para além tanto de um discurso intelectual superficial quanto de uma lógica conservadora, que desconsidera a multiplicidade de sentidos, a instabilidade e a possibilidade de ruptura. Os autores, através de análises ousadas e transgressoras, ao adotarem um estilo próprio de escrita, rompem com um padrão de produção científica que prioriza a objetividade. Tal escolha é fundamental para a semiótica, uma ciência que se dedica aos sistemas de significação e que precisa, constantemente, questionar e revisitar seu próprio sistema ao mesmo tempo em que emprega seus fundamentos sobre si mesmos.

MOTTA, Leda Tenório da; CALIL, Marco. *Semiótica Francesa: Manual de teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2025.